

A Enfermagem Centrada na Investigação Científica 7



**Marcus Fernando da Silva Praxedes
(Organizador)**

Atena
Editora

Ano 2020

A Enfermagem Centrada na Investigação Científica 7



**Marcus Fernando da Silva Praxedes
(Organizador)**

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A enfermagem centrada na investigação científica

7

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natalia Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Marcus Fernando da Silva Praxedes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E56 A enfermagem centrada na investigação científica 7 [recurso eletrônico] / Organizador Marcus Fernando da Silva Praxedes. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-197-8

DOI 10.22533/at.ed.978202307

1. Enfermagem – Pesquisa – Brasil. 2. Saúde – Brasil.
I. Praxedes, Marcus Fernando da Silva.

CDD 610.73

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

O fortalecimento da Enfermagem, como ciência, perpassa o desenvolvimento de um corpo de conhecimento alicerçado em uma base de evidências de estudos científicos bem desenhados e que tenham implicações para uma prática segura. A investigação científica confiável e de qualidade, portanto, garante o reconhecimento das áreas dos saberes da enfermagem e dos profissionais e pesquisadores envolvidos.

Diante do exposto, temos o prazer de apresentar a coleção “A Enfermagem Centrada na Investigação Científica”. Trata-se de uma obra que reúne trabalhos científicos relevantes das mais diversas áreas de atuação do fazer Enfermagem. Aqui, docentes, estudantes, profissionais e os participantes das pesquisas são atores principais de uma ciência holística que a cada dia se fortalece, em decorrência do engajamento e empoderamento desses.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. O terceiro volume traz estudos relacionados à prática da enfermagem baseada em evidências com ênfase à Sistematização da Assistência da Enfermagem (SAE) nos mais diversos cenários de cuidado à saúde e a importância do desenvolvimento de uma cultura de segurança do paciente. O quarto volume concentra, principalmente, experiências relatadas através de projetos de pesquisa e extensão, demonstrando a importância dos mesmos para a formação acadêmica e profissional.

O quinto volume aborda a saúde da mulher na gestação, parto e puerpério, bem como dos recém-nascidos, crianças e adolescentes. O último capítulo traz a importância da assistência da enfermagem diante da violência sexual contra mulheres. Tema de fundamental relevância, principalmente em tempos de pandemia.

O destaque para atenção primária à saúde e para questões vivenciadas na prática profissional é dado pelo sexto volume. Por fim, o sétimo e último volume, traz estudos com temas variados, principalmente relacionados à saúde da população idosa, estudos epidemiológicos e às doenças infectocontagiosas. Ressaltamos a relevância da divulgação científica dos trabalhos apresentados, para que os mesmos possam servir de base para a prática segura dos profissionais de saúde. Nesse sentido, a Atena Editora se destaca por possuir a estrutura capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Marcus Fernando da Silva Praxedes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DEPRESSÃO NA TERCEIRA IDADE, FATORES ASSOCIADOS E INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM	
Alyce Brito Barros	
Angélyca Brito Barros	
Emanuel Messias Silva Feitosa	
Isa Maria Costa Coutinho	
Tamires de Alcantara Medeiros	
Naira Hamony Santos Campos	
Emanuel Cardoso Monte	
Kassia Ellen de Almeida Gomes	
Naidhia Alves Soares Ferreira	
Erveson Alves de Oliveira	
Jessika Brenda Rafael Campos	
Eli Carlos Martiniano	
DOI 10.22533/at.ed.9782023071	
CAPÍTULO 2	11
FATORES DE RISCO EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS E O TRABALHO DA ENFERMAGEM	
Letícia Silveira Cardoso	
Cristiana Lopes Leal	
Rafaela Vivian Valcarenghi	
Bárbara Tarouco da Silva	
Cristiane Pouey Vidal	
Cynthia Fontella Sant'Anna	
Letice Dalla Lana	
Letiére Silveira Cardoso	
Matheus Cardoso Machado	
Aléxia Cardozo Scherer	
DOI 10.22533/at.ed.9782023072	
CAPÍTULO 3	24
ALTERNATIVAS DE TERAPÊUTICA NA DOENÇA DE ALZHEIMER: REVISÃO DE LITERATURA	
Francine Casarin	
Luciana de Carvalho Pires	
Betânia Huppés	
Silomar Ilha	
DOI 10.22533/at.ed.9782023073	
CAPÍTULO 4	34
ANÁLISE DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE PREVALÊNCIA E OS PRINCIPAIS FATORES ASSOCIADOS A RISCO DE QUEDAS EM IDOSOS NA COMUNIDADE	
Benício Almeida Resende de Sales	
Danyella Rodrigues de Almeida	
Mariana Lenina Menezes Aleixo	
Noely Machado Vieira	
Bianca Teshima de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.9782023074	
CAPÍTULO 5	44
ANÁLISE DA RELAÇÃO DAS ATIVIDADES ATUAIS E APOIO FAMILIAR EM PESSOAS IDOSAS QUE	

PARTICIPAM DE CURSOS DE INCLUSÃO DIGITAL NO MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO

Maristela Saul
Maristela Cassia de Oliveira Peixoto
Janifer Prestes
Geraldine Alves dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.9782023075

CAPÍTULO 6 55

HOMENS IDOSOS E AS VULNERABILIDADES ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Eliane de Lira Goulart Caminha
Beatryz Portella da Silva Correia
Cristiane Maria Amorim Costa
Elizabeth Rose Costa Martins
Lorraine Terra dos Santos Cyrne Alves
Gabriella Bitancourt Nascimento
Thelma Spindola
Raphaela Nunes Alves

DOI 10.22533/at.ed.9782023076

CAPÍTULO 7 72

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ACIDENTES AUTOMOBILÍSTICOS NA CIDADE DE ITABUNA-BA NO ANO DE 2018

João Pedro Neves Pessoa
Vivian Andrade Gundim
Rômulo Balbio de Melo
Marcelly Cardoso Vieira Cruz
Ana Carolina Santana Cardoso
Miriam Santos Carvalho
Jasmine Souza Salomão
Daniel Fraga de Rezende
Larissa Amaral da Cunha
Alus Harã de Sousa Aranha
Tatiele Guimarães dos Santos
Irany Santana Salomão

DOI 10.22533/at.ed.9782023077

CAPÍTULO 8 80

ATUAÇÃO DA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA NA REEMERGENCIA DOS CASOS DE SARAMPO NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Simone Souza de Freitas
Ana Raquel Xavier Ramos
Dhayna Wellin Silva de Araújo
Fernando Matias Monteiro Filho
Milena Rafaela da Silva Cavalcanti
Maiza Moraes da Silva
Maria Eduarda da Silva
Stefany Catarine Costa Pinheiro
Stefany Letícia Almeida Cardoso da Silva
Sarah Ellen Lopes de Albuquerque Alves e Silva
Sérgio Pedro da Silva
Wellington Manoel da Silva

DOI 10.22533/at.ed.9782023078

CAPÍTULO 9 88

PERFIL DAS INTOXICAÇÕES EXÓGENAS INFANTIS NOTIFICADAS EM UMA CAPITAL BRASILEIRA

Leidiane Ferreira Santos
Lucrécia Gomes Duarte
Maitê da Veiga Feitosa Borges Silva
Mariane de Melo Costa
Rayanne Rodrigues Fernandes
Juliana Bastoni da Silva
Danielle Rosa Evangelista
Ana Caroline Machado Costa
Cintia Flôres Mutti

DOI 10.22533/at.ed.9782023079

CAPÍTULO 10 99

ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DE NASCIDOS VIVOS EM JUTAÍ

Viviane Loiola Lacerda
Maria Teresinha de Oliveira Fernandes
Danielle Graça Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.97820230710

CAPÍTULO 11 112

HANSENÍASE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS RELACIONADAS AO CUIDADO DE SI: EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS DE DISSERTAÇÕES E TESES DO CEPEN

Camila Carvalho do Vale
Iací Proença Palmeira
Luan Cardoso e Cardoso
Talyana Maceió Pimentel
Davi Gabriel Barbosa
Gracileide Maia Correia
Lidiane de Nazaré Mota Trindade
Waleska Raísa Santos Rocha

DOI 10.22533/at.ed.97820230711

CAPÍTULO 12 123

CARACTERIZAÇÃO DOS CASOS DE SÍFILIS ATENDIDOS NO CTA

Brenda Dantas Ferraz
Ivandira Anselmo Ribeiro Simões
Lidia Chiaradia da Silva

DOI 10.22533/at.ed.97820230712

CAPÍTULO 13 132

MORTALIDADE RELACIONADA À SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA EM UMA REGIÃO DE SAÚDE DO ESTADO DO CEARÁ

Nadilânia Oliveira da Silva
Vitoria da Silva Andrade
Antonia Thamara Ferreira dos Santos
Camila da Silva Pereira
Maria Lucilândia de Sousa
Vitória de Oliveira Cavalcante
Jessica Lima de Oliveira
Antonio Germane Alves Pinto

DOI 10.22533/at.ed.97820230713

CAPÍTULO 14 144

ASSOCIAÇÃO ENTRE ÓBITO E O PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR DOENÇAS IMUNOPREVENÍVEIS E NO PARÁ ENTRE 2008 E 2017

Jessica Soares Barbosa
Glenda Roberta Oliveira Naiff Ferreira
Sandra Souza Lima
Carlos Leonardo Figueiredo Cunha
Fabiane Diniz Machado Vilhena
Giovanna do Socorro Santos da Silva
Jayme Renato Maia Abreu Cordeiro
Mayara Soares Castelo Branco
Débora Talitha Neri

DOI 10.22533/at.ed.97820230714

CAPÍTULO 15 151

DIABETES MELLITUS E NEUROPATIA AUTONÔMICA CARDIOVASCULAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Mayssa da Conceição Araújo
Ana Paula Franco Pacheco

DOI 10.22533/at.ed.97820230715

CAPÍTULO 16 163

EVOLUÇÃO DOS NÍVEIS GLICÊMICOS DE DIABÉTICOS SUBMETIDOS A AÇÕES DE PROMOÇÃO DE SAÚDE, MEDIADAS POR RODAS DE CONVERSA

Cleisiane Xavier Diniz
Maria de Nazaré de Sousa Ribeiro
Adailson Gomes Machado Júnior
Selma Barboza Perdomo
Joaquim Hudson de Souza Ribeiro
Orlando Gonçalves Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.97820230716

CAPÍTULO 17 177

PERCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA NO AMBIENTE DE TRABALHO ENTRE TRAVESTIS PROSTITUTAS

Lauro Ricardo de Lima Santos
Maria Cristina de Moura Ferreira
Carla Denari Giuliani
Lúcio Borges de Araújo
Marcelle Aparecida de Barros Junqueira

DOI 10.22533/at.ed.97820230717

CAPÍTULO 18 187

AMPUTAÇÃO DE PODODACTILO: ESTUDO DE CASO EM UM HOSPITAL EM IMPERATRIZ

Bruna Bandeira Marinho
Cássio Carneiro Cardoso
Danylo Bílio Araújo
Giovana Nogueira de Castro
Karine Brito dos Santos
Larisse Alves França
Márcia Guelma Santos Belfort
Vanessa Soares Pereira

DOI 10.22533/at.ed.97820230718

CAPÍTULO 19	196
EVOLUÇÃO CLÍNICA DE UM PACIENTE COM SÍNDROME DE BELL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Hugo Alves Pedrosa	
Giovanna Sales de Oliveira	
Ana Paula Ribeiro de Castro	
Andréa Couto Feitosa	
Gabriela Duarte Bezerra	
Sara Teixeira Braga	
Suzete Gonçalves Caçula	
Jessica Lima de Oliveira	
Andreza de Lima Rodrigues	
Yasmin Ventura Andrade Carneiro	
Jackson Gomes Mendonça	
Sammara Oliveira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.97820230719	
CAPÍTULO 20	206
A VIVÊNCIA LABORAL DE HOMENS COM ÚLCERAS VENOSAS	
Patrícia Alves dos Santos Silva	
Norma Valéria Dantas de Oliveira Souza	
Elias Barbosa de Oliveira	
Marcia Tereza Luz Lisboa	
Déborah Machado dos Santos	
Dayse Carvalho do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.97820230720	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	221
ÍNDICE REMISSIVO	222

PERCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA NO AMBIENTE DE TRABALHO ENTRE TRAVESTIS PROSTITUTAS

Data de aceite: 01/07/2020

Data da submissão: 01/04/2020

Lauro Ricardo de Lima Santos

Faculdade do Trabalho, Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho e Habitação
Uberlândia -MG
<https://orcid.org/0000-0003-1451-1189>

Maria Cristina de Moura Ferreira

Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia- MG
<https://orcid.org/0000-0002-2390-8607>

Carla Denari Giuliani

Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia- MG
<http://orcid.org/0000-0001-55982230>

Lúcio Borges de Araújo

Faculdade de Matemática, Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia- MG
<HTTP://ORCID.ORG/0000-0002-2230-203X>

Marcelle Aparecida de Barros Junqueira

Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia- MG
<HTTP://ORCID.ORG/0000-0002-2920-1194>

RESUMO: Historicamente a travesti sempre foi marginalizada no contexto social e laboral, sendo a prostituição uma das poucas opções para inserção dessas no mundo do trabalho. Este estudo tem como objetivo avaliar dados sociodemográficos e situações de violências entre travestis profissionais do sexo. Estudo quantitativo descritivo realizado com uma amostra de 46 travestis profissionais do sexo. Resultados mostraram 84,4% se declaram solteiras, 41,3% são da etnia parda, e somente 34,8% tem ensino médio completo. A média de idade é de 24 anos. Quanto a violência, 30 participantes (65,2%) relatam ter sofrido ou recebido violência do tipo verbal em seu ambiente de trabalho, 11 (23,9%) já sofreram violência sexual em seu ambiente de trabalho, e, apenas 10 (21,7%) das entrevistadas afirmam que já fizeram algum tipo de denúncia sobre a violência que tenha recebido; uma média de 23 (valor $p=0,028$) anos das travestis que sofreram violência sexual no ambiente de trabalho e a idade média das que fizeram denúncia sobre algum tipo de violência é de 21,4 anos (valor $p=0,016$). Mostra-se necessário que homens e mulheres cis devam assumir o papel de espectador e colaborador para as demandas necessárias para essa população.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Sexual. Violência. Travestismo.

ABSTRACT: Historically, transvestites have always been marginalized in the social and labor context, with prostitution being one of the few options for their insertion in the world of work. This study aims to evaluate sociodemographic data and situations of violence among transvestite sex workers. Descriptive quantitative study conducted with a sample of 46 transvestites sex workers. Results showed 84.4% said they were single, 41.3% are of mixed race, and only 34.8% have completed high school. The average age is 24 years. As for violence, 30 participants (65.2%) report having suffered or received verbal violence in their work environment, 11 (23.9%) have already experienced sexual violence in their work environment, and only 10 (21, 7%) of the interviewees state that they have already made some type of complaint about the violence they have received; an average of 23 (p-value = 0.028) years for transvestites who suffered sexual violence in the workplace and the average age of those who made complaints about some type of violence is 21.4 years (p-value = 0.016). It is necessary that cis men and women should assume the role of spectator and collaborator for the necessary demands for this population.

KEYWORDS: Sex Work. Violence. Transvestism.

1 | INTRODUÇÃO

Se observar-nos a sociedade moderna atual pode-se dizer que somos dependentes do capital. O capital é o dinheiro que movimenta toda a economia e nos transforma em seres que conseguimos ser, com o que conseguimos ter. Essa diferenciação do mundo moderno onde dependemos incansavelmente do capital faz com que ofertamos o que temos de mais comum, nossa mão de obra, de diversas maneiras de ofertas (PIZZI; PEREIRA; RODRIGUES, 2017).

As ofertas de mão de obra estão gradativamente vem crescendo, porém, em contra partida o mercado de trabalho exige cada dia mais força de trabalho qualificada e multifuncional. E com a baixa economia atual brasileira, com o menor numero de vacâncias de emprego estas qualificações se tornam essenciais para preenchimentos de pré-requisitos. Com espectro que assombra a atualidade no qual o bom profissional é homem, branco e heteronormativo, as travestis se veem cotidianamente com menos espaços e menores possibilidades de emprego (PIZZI; PEREIRA; RODRIGUES, 2017).

Ao analisarmos os padrões heteronormativos propostos por Butler (2006), Bento (2008) e Pocahy (2006), em que se observa que para se enquadrar nos grupos sociais devem ser seguidos alguns critérios e padrões que as travestis fogem e não estão adequadas. Almeida (2016), argumenta que por esta falta de padronização as travestis ocupam espaços de marginalização, estabelecendo laços afetivos e de socialização com outras travestis, restritos a guetos e ao mundo da prostituição.

Com a rejeição familiar precoce, grande parte das travestis se denotam da rua como espaço de mercado de trabalho e o prostituição como única possibilidade de obter recursos para sobreviver, tornando-se vulneráveis ao uso de drogas, doenças infectocontagiosas

de cunho sexual, agressões físicas e psicológicas (RONDAS; MACHADO, 2015).

No mercado de trabalho da atualidade, existe um preconceito velado, quando se trata de empregar algum LGBT, são vistos de formas depreciativas e que não condizem com as vagas de emprego disponíveis. Porém ao gay, a lésbica e a pessoa bissexual, esta barreira torna-se mais simples, pois os mesmos tendem a esconder sua sexualidade para que não possam ser vítimas de preconceitos ou que seus empregos sejam perdidos pelo motivo de expressão da sua sexualidade. Muitos deles trabalham se ocultando em estereótipos e às vezes até praticando preconceitos sexuais, para que possam demonstrar que são iguais aos demais colegas de trabalho e se enquadrando na ética heteronormativa (IRIGARAY, 2010; IRIGARAY; FREITAS, 2013; PIZZI; PEREIRA; RODRIGUES, 2017).

Quando a travesti consegue se inserir no mercado de trabalho dito como formal, é visível que as mesmas ocupem atividades laborais predominantemente femininas, que denotam um ar de exclusividade feminina, como: cabelereiras, costureiras, modistas, estilistas, manicures e também empregos que as deixam escondidas da sociedade, como auxiliares de cozinha e em empresas de *telemarketing*. Também no que tange ao mercado de trabalho formal algumas travestis ocupam espaços de humor em casas noturnas e em poucos casos na televisão (RONDAS; MACHADO, 2015; PIZZI; PEREIRA; RODRIGUES, 2017).

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) a estimativa é que 90% das travestis brasileiras trabalham com a prostituição, com exclusividade nesta atividade laboral ou como complemento de renda. O restante (10%) ocupam espaços ditos como comuns, porém relatam as degradantes experiências como humilhantes, taxativas e sendo vítimas de preconceitos e impunidades. Na cidade de Uberlândia estima-se que 95% das travestis trabalham no mercado do sexo (ANTRA, 2013 apud PIZZI; PEREIRA; RODRIGUES, 2017).

No mercado de trabalho da atualidade, existe um preconceito velado, quando se trata de empregar algum LGBT, são vistos de formas depreciativas e que não condizem com as vagas de emprego disponíveis. Porém ao gay, a lésbica e a pessoa bissexual, esta barreira torna-se mais simples, pois os mesmos tendem a esconder sua sexualidade para que não possam ser vítimas de preconceitos ou que seus empregos sejam perdidos pelo motivo de expressão da sua sexualidade. Muitos deles trabalham se ocultando em estereótipos e às vezes até praticando preconceitos sexuais, para que possam demonstrar que são iguais aos demais colegas de trabalho e se enquadrando na ética heteronormativa (IRIGARAY, 2010; IRIGARAY; FREITAS, 2013; PIZZI; PEREIRA; RODRIGUES, 2017).

Para as travestis o mercado de trabalho é ainda mais utópico, pois as mesmas transitam entre o binarismo dos gêneros, a aparência por si só, já é uma agravante que provoca o não aceite de travestis dentro de empresas e no mercado formal. Porém a voz grave, os resquícios de barba, o porte físico são problemas para uma sociedade que sabe muito bem como estereotipar e marginalizar um população pelo simples fato

delas existirem. Poucas travestis permanecem dentro de uma empresa por muito tempo e as que permanecem não veem a possibilidade de crescimento dentro da empresa, não por falta de competência, mas por preconceito que não deixa o outro se desenvolver (RONDAS; MACHADO, 2015; PIZZI; PEREIRA; RODRIGUES, 2017).

Os profissionais de Recursos Humanos, que deveriam ser livres de preconceitos mostram-se relutantes quanto à contratação de travestis em empresas, devido ao fato da não confiança neste nicho social. Também um dos fatores que impedem a participação de forma igualitária de processos seletivos a vagas de empregos é a baixa escolaridade, oriundas de fatores sociais como o desarranjo familiar, a rejeição social e a necessidade de procura de emprego precoce ocupando tempo e espaço para a educação e profissionalização (IRIGARAY, 2010; SOUZA; BERNARDO, 2014).

Ainda dentro da prostituição podemos ressaltar a vulnerabilidade que as travestis que trabalham no mercado do sexo têm na aquisição e também exposição às IST e HIV/Aids, estudos apontam que grande parte das pessoas contaminadas com HIV/Aids são travestis que comprovadamente trabalham como prostitutas (PEIXOTO, 2002; RONDAS; MACHADO, 2015).

Outros estudos mostram que as mesmas afirmam as chances de adquirir alguma IST e/ou HIV/Aids, porém não fazem uso de preservativos ou não se preocupam na hora do sexo em que o prazer pode ser diminuído com o uso de preservativo (BRASIL, 2004).

Além da vulnerabilidade sexual que a própria prostituição proporciona, as travestis têm como agravante a exposição à violência, no qual o parceiro sexual (cliente) a encara como homem, indo de encontro com a ética heteronormativa, na qual se a pessoa é portadora da genitália masculina ela é automaticamente homem, e assim o contato sexual torna-se agressivo e violento, demonstrando mais uma de suas vulnerabilidades (FERRAZ et al., 2006).

De acordo com Nogueira, Aquino e Cabral (2017) o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo e este número correlaciona-se com a vulnerabilidade que o mercado do sexo tem. A violência também não é exercida somente pelo cidadão comum, estudos relatam que a polícia por diversas vezes fazem uso da violência (gratuitamente) para com a travesti, somente com o intuito de coibirem o ato da prostituição, o uso de drogas e a nudez excessiva (PELUCIO, 2005).

A violência não se torna somente física quando o parceiro está com a travesti dentro do carro, no motel, em casa, enfim dentro das quatro paredes, a violência se dá pelos transeuntes das vias que elas dominam, veículos passam disparando ofensas com requintes de crueldade e de humilhação, somente por prazer (PELUCIO, 2005).

A violência psicológica que acontece diariamente e vira rotina das travestis que trabalham no mercado do sexo, além dos sentimentos de abandono familiar, de governanças e da sociedade como um todo às fazem ingressar no mundo das drogas. O uso de drogas aumenta pela motivação da solidão que sentem, além de em alguns casos

também as drogas serem motivos de sensualidade do primeiro encontro (PELUCIO, 2005; ORNAT, 2008).

No qual fazer o uso do álcool, tabaco, cocaína, maconha e atualmente, em alguns casos, o crack se fazem necessários para o aceite do cliente, além dos relacionamentos afetivos que mantêm com os trabalhadores noturnos, como vigias de carros, traficantes e outras funções preferencialmente exercidas no ambiente noturno (ORNAT et al., 2008).

Diversos autores falam sobre os problemas que as profissionais do sexo mulheres enfrentam e os tipos de violência que as mesmas sofrem em seu ambiente de trabalho, porém quando se ressalta a prostituição feita por travestis os estudos são limitados e na maioria dos casos se fala sobre a violência cometida pela sociedade, pelo simples fato de serem travestis (RIBEIRO, 2005; BRASIL, 2011).

A travesti no cotidiano sofre violência constantemente e de diversas formas, sendo elas físicas, psicológicas e sexuais. Além de sofrerem pelos estigmas sociais e nas ruas, dentro ou fora do seu local de trabalho, elas sofrem dentro dos serviços de saúde, a violência que envolve a privação ou negligência, em espaços que deveriam ser locais de acolhimento universal e igualitário (BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2007). Este estudo tem como objetivo avaliar dados sociodemográficos e situações de violências entre travestis profissionais do sexo.

2 | MATERIAL E MÉTODOS

Delineamento, amostra e aspectos éticos

Este estudo transversal, descritivo, de caráter quantitativo, é um recorte de uma dissertação de mestrado

A amostra desta pesquisa foi constituída por 46 travestis profissionais do sexo da cidade de Uberlândia-MG, Brasil. A população se constituiu pelas travestis participantes da "Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil" que tem como profissão a prostituição. O projeto foi submetido ao CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) da Universidade Federal de Uberlândia, de acordo com a Resolução 466/12, aprovado com o parecer de número: 1.864.944.

Instrumento e coleta de dados de dados

A aplicação dos instrumentos de coleta de dados com as travestis participantes ocorreu durante os meses de junho até dezembro de 2017 durante as reuniões que acontecem quinzenalmente da Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil, que trabalha com travestis e diversidades de gênero.

A coleta foi pactuada com os coordenadores do Grupo onde não foi interferida nenhuma atividade realizada nas reuniões. O Grupo disponibilizou espaço que garantiu

a privacidade e o sigilo no processo de coleta. O procedimento de recrutamento ocorreu da seguinte forma: os pesquisadores visitaram o escritório da Rede Trans Brasil com as datas pré-definidas pelas coordenadoras, onde lá foram colhidas as entrevistas semiestruturadas.

Todas as travestis que contemplaram os critérios de inclusão foram abordadas, sendo que apenas 2 (duas) negaram de responder a pesquisa. Após a apresentação dos objetivos do estudo e mediante os devidos esclarecimentos, foi solicitado o consentimento do participante para se iniciar o procedimento metodológico, assim assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por cada entrevistada

Análise dos Dados

Os dados foram coletados durante as entrevistas sendo importados, digitados e manipulados dentro do Excel 2007, com dupla entrada para evitar erros na entrada dos dados. As variáveis quantitativas foram descritas através de média e desvio padrão máximo e mínimo. Além disso, aplicou-se o teste de normalidade Shapiro-Wilk e foi possível verificar que nenhuma variável quantitativa seguiu distribuição normal, sendo então considerados dados não paramétricos.

As variáveis qualitativas foram descritos (frequência e porcentagem) por meio de tabelas de dupla entradas. As associações das variáveis qualitativas foram avaliadas por meio do teste razão de verossimilhança. Todos os testes foram aplicados utilizando um nível de significância de 5 % ($p < 0.05$). Os procedimentos foram realizados utilizando o software SPSS v.20.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação aos dados socioeconômicos, 39 entrevistadas afirmam ser solteiras o que equivale a 84,4% do n total de 46. A maioria das entrevistadas (41,3%) são da etnia parda, 100% delas são alfabetizadas, porém nenhuma delas com ensino superior completo e a maior parcela delas têm o ensino médio completo (34,8%) somando um n de 16.

Um total de 45,6% (n=21) das entrevistadas mora em outro tipo de habitação, o que se pode afirmar que moram pensão/pensionato após a pesquisa de campo. A faixa etária das entrevistadas é entre os 18 e 44 anos, sendo a idade média delas de 24 anos. Ao se tratar de renda, pode se afirmar que a renda média é de R\$ 2.876,09.

Na Tabela 1, estão os dados relacionados às violências sofridas no ambiente de trabalho. Podemos observar que 25 (54,3%) das entrevistadas afirmam que nunca sofreram violência física em seu ambiente de trabalho. Porém, 30 (65,2%) relatam ter sofrido ou recebido violência do tipo verbal em seu ambiente de trabalho, 11 (23,9%) já sofreram violência sexual em seu ambiente de trabalho.

Mesmo com essas observações apenas 10 (21,7%) das entrevistadas afirmam que

já fizeram algum tipo de denúncia sobre a violência que tenha recebido. As outras 36 (78,3%) delas afirmam que não nunca fizeram nenhum tipo de denúncia pelas violências recebidas no ambiente de trabalho.

Perguntas	Resposta	N	%
Você já sofreu violência física?	Sim	21	45,7
	Não	25	54,3
Você já sofreu violência verbal?	Sim	30	65,2
	Não	16	34,8
Você já sofreu violência sexual?	Sim	11	23,9
	Não	35	76,1
Você fez algum tipo de queixa/denúncia sobre a violência que sofreu?	Sim	10	21,7
	Não	36	78,3

Tabela 1. Questionário sobre Violência no Ambiente de travestis em situação de prostituição (N=46) – Uberlândia – MG - 2018 – Uberlândia – MG

Fonte: o autor, 2018.

Há diversas formas de violências ligadas ao mercado do sexo que constituem não somente o padrão de violência contra a autoestima ou dignidade da pessoa, diferindo e se tornando independente do ato de violência ocorrer ou não. Essas violências para pessoas que trabalham com o sexo ou utilizam da venda do corpo para a obtenção de bens de consumo ou de renda, transgridem as fronteiras simbólicas e corporais (SANDERS, CAMPBELL, 2007; GANJU, SAGGURTI, 2017).

A simbologia da pessoa que vende seu corpo para lucrar tende a torna-la aquela pessoa não digna e assim vulnerável a determinados tipos de violência. Essas violências podem acontecer pelos desacordos entre os clientes e as profissionais, tentativas de concessões a partes e órgãos que não estão à venda, violações por meio de humilhações. Assim, muitas das vezes a vergonha de referir que trabalha no mercado do sexo pode ser um dos motivos que as impedem de não relatarem ou denunciarem as violências que sofrem no dia a dia no ambiente de trabalho (SANDERS, 2004; SANDERS, CAMPBELL, 2007; SCAMBLER, 2007; GANJU, SAGGURTI, 2017).

É visto em nosso estudo em que 78,3% ($n= 36$) das entrevistadas relatam nunca terem feito denuncia de nenhuma violência que sofreu. Está renuncia de relatar que sofreu alguma violência - verbal física ou sexual - faz com que as travestis que trabalham no mercado do sexo tenham que aceitar que a violência para elas é onipresente (SANDERS, 2016; GANJU, SAGGURTI, 2017).

No que tange a violência contra travestis, atualmente o Brasil lidera o ranking de países no mundo que mais disferem violências contra LGBT, às travestis que também compõem este grupo, é população já estigmatizada de forma geral dentro e fora dessa comunidade, pois são alvos fáceis para que essas violências sejam ainda mais brutais

e às vezes fatais. No ano de 2018, foram 158 assassinatos, que em sua maioria com requintes de crueldade. O estado de Minas Gerais aparece nesta estatística com nove assassinatos (NOGUEIRA; BENEVIDES, 2019).

O presente trabalho difere de um estudo desenvolvido e conduzido no Brasil, em 2016 em que se apresenta 91,96% das 16 travestis entrevistadas relatam que sofreram violência verbal, no qual este estudo apresenta que 65,2% ($n=30$) sofreram a mesma violência. No que tange violência do tipo física, as entrevistadas de nosso trabalho apresentam dados superiores aos do estudo supracitado, em que 33,33% das entrevistadas afirmam ter sofrido esta violência o que difere de nosso estudo no qual 45,7% ($n=21$), mostrando o quão violento é este município (SILVA *et al.*, 2016).

Na Tabela 2, estão associados os dados entre as variáveis numéricas socioeconômicas e violência no ambiente de trabalho. Em que podemos observar que a média é de 23 (valor $p=0,028$) anos das travestis que sofreram violência sexual no ambiente de trabalho e que a idade média das que fizeram denúncia sobre algum tipo de violência é de 21,4 anos (valor $p=0,016$).

IDADE	SOFREU VIOLÊNCIA SEXUAL $n=46$		FEZ DENÚNCIA $n=46$	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
	11	35	10	36
Média em anos	23,00	24,71	21,40	25,11
Valor de p	0,028		0,016	

Tabela 2. Associação Numérica Socioeconômica e Violência de travestis em situação de prostituição (N=46) – Uberlândia – MG - 2018

Fonte: o autor, 2018.

Podemos observar assim que as travestis mais velhas relatam em maior número que sofreram violência, podemos tentar entender que este número pode entrar de acordo também que a média de idade das travestis que fizeram denúncias sobre as violências que sofreram no cotidiano do ambiente de trabalho também é maior.

Isso pode, talvez, ressaltar que as travestis que são mais velhas tendem a perceber algumas concessões sexuais de formas mais sensíveis, demonstrando que o tempo de vida de cada uma delas pode denotar essa maior percepção. Assim, podemos perceber que quanto maior a experiência de vida e delas maiores são as percepções quanto à violência.

Considerando 500 denúncias recebidas pelo Disque Defesa Homossexual da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, no período de junho/1999 - dezembro/2000, apenas 6,3% das denúncias dizem respeito a assassinatos, sendo que denúncias de discriminação (20,2%), de agressão física (18,7%) ou verbal (10,9%) e

extorsão (10,3%) são muito mais comuns. Porém, esses dados apresentados, embora revelador, não compõe qualquer amostra estatisticamente significativa para o conjunto da violência letal que atinge homossexuais. (CARRARA; VIANA, 2002).

Em estudo realizado no município de Santa Maria _RS, em relação as denúncias registradas em delegacies, sofridas por travestis, foi relatado que para denunciar os diversos casos de violência contra as travestis, algumas procuram a Delegacia Geral, na região central do município (em teoria, destinada a esse fim). É comum não denunciarem as ofensas, pois, frequentemente, mesmo sendo vítimas, são transformadas em agressoras nos boletins de notificação.(SOUZA et al, 2015).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apenas foi um recorte, um recorte superficial sobre as relações entre vulnerabilidades sociais, violência no cotidiano do ambiente de trabalho do mercado do sexo, julgado como sujo e impuro, além do uso de drogas. Uso de drogas para esquecer? Para lembrar ou para superar quem é, ou o que nós dizemos quem são?

Travestis sãs, que são historicamente marginalizadas, estigmatizadas e incansavelmente violentadas, mas por outro lado não deixam de ser quem são. Enfrentam diariamente esse cotidiano de se esconder durante o dia e aparecer somente à noite, vivendo a normatividade imposta, onde elas que são *transviadas* não podem ser vistas a luz do dia e muito menos amadas.

Desejadas, obeitificadas, simbólicas, criam inúmeras maneiras e possibilidades para sobreviverem. São donas do próprio roteiro da vida e não seguem nenhum *script* imposto na sociedade. São essenciais para quebra de tabus e mostrarem que sua existência pode e deve ser uma violência, um atentado ao pudor. Mas qual pudor? Obrigatoriamente seguido e roteirizado diariamente por todos que vivem em comunidade ou sociedade.

Por fim, mostra-se necessário que homens e mulheres *cis* devam assumir o papel de espectador e colaborador para as demandas necessárias para essa população que não deixamos de ser protagonistas da vida delas, mas que sejamos no mínimo dirigidos por elas.

REFERENCIAS

BENEDETTI, M.R. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). (2004). *Brasil sem Homofobia: Programa de Combate a Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília, DF: Autor.

BUTLER, J.P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. A violência letal contra homossexuais no município do Rio de Janeiro: características gerais. **Publiciones sexualidades, salud y derechos humanos em America Latina**, 2002.

ELIFSON, K. W.; Boles, J., Posey, E., Sweat, M.; Darrow, W.; Elsea, W. Male transvestite prostitutes and HIV risk. **American Journal of Public Health**, v. 83, n. 2, p. 260-262, 1993.

FERRAZ EAF, SOUZA C, SOUZA LM, COSTA N. Travestis profissionais do sexo e HIV/AIDS: conhecimento, opiniões e atitudes. [Trabalho apresentado no Seminário de Diamantina; 2006; Diamantina, BR].

GANJU, D.; SAGGURTI, N. Stigma, violence and HIV vulnerability among transgender persons in sex work in Maharashtra, India. **Culture, health & sexuality**, v. 19, n. 8, p. 903-917, 2017.

IBGE. Censo Demográfico 2014. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 2017.

IRIGARAY, H.; FREITAS, M. Estratégia de Sobrevivência dos gays no Ambiente de Trabalho. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 13, p. 57-74, jan-abr. 2013.

KENAGY, G.P.; HSIEH, C-M. Measuring quality of life: A case for re-examining the assessment of domain importance weighting. **Applied Research in Quality of Life**, v. 9, n. 1, p. 63-77, 2014.

NEMOTO, T., SAUSA, L. A., OPERARIO, D., KEATLY, J. (2006). Need for HIV/AIDS education and intervention for MTF transgenders: responding to the challenge. *Journal of Homosexuality*, 51(1), 183-201.

NOGUEIRA, S.N.B.; BENEVIDES, B.G. Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018. **ANTRA e IBTE**, 2019.

NOGUEIRA, S.N.B.; AQUINO, T.A.; CABRAL, E.A. Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans. Rede Trans Brasil, 2017.

ORNAT, M.J. et al. Território da Prostituição e Instituição do ser Travesti em Ponta Grossa-PR. 2008.

PEIXOTO M. **Relatório de Campo do Projeto Esgrima**. São Paulo: Barong; 2002.

PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos pagu**, n. 25, p. 217-248, 2005.

PIZZI, R.C.; PEREIRA, C.Z.; RODRIGUES, M.S. Portas Entreabertas: o mercado de trabalho sob a perspectiva de travestis e mulheres transexuais. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, v. 4, n. 1, p. 352, 2017.

RONDAS, L.O.; MACHADO, L.R.S. Inserção profissional de travestis no mundo do trabalho: das estratégias pessoais às políticas de inclusão¹. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 10, n. 1, p. 191-204, 2015.

SANDERS, T.; CAMPBELL, R. Designing out vulnerability, building in respect: violence, safety and sex work policy. **The British journal of sociology**, v. 58, n. 1, p. 1-19, 2007.

SOUZA, P.J.; FERREIRA, L.O.C.; SÁ, J.B. Estudo descritivo da homofobia e vulnerabilidade ao HIV/Aids das travestis da Região Metropolitana do Recife, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 2239-2251, 2013.

SOUZA, Martha Helena Teixeira de et al. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2015, v. 31, n. 4 [Acessado 1 Abril 2020], pp. 767-776. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00077514>>. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00077514>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidentes 15, 19, 20, 22, 37, 38, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 89, 90, 93, 94, 96, 97, 140

Acidentes de Trânsito 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 89

AIDS 57, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 123, 124, 125, 127, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 186

Amputação 187, 189, 190, 192, 193, 195

Apoio Familiar 9, 44, 45, 47, 49

Atenção à Saúde do Idoso 2, 4

C

Cobertura Vacinal 81, 84, 85, 86, 99, 110

Conhecimento 6, 8, 10, 20, 21, 31, 32, 34, 42, 52, 56, 57, 60, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 81, 83, 100, 103, 115, 119, 125, 127, 131, 144, 154, 186, 190, 194, 195, 197, 218

Criança 89, 90, 95, 97

Cuidado da Criança 89

Cuidado de Si 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121

D

Depressão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 26, 31, 192

Diabetes Mellitus 26, 151, 152, 154, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 173, 175, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Doença Sexualmente Transmissível 56, 58, 125, 130

E

Educação em Saúde 4, 9, 21, 68, 96, 119, 165

Enfermagem 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 34, 42, 43, 55, 56, 58, 64, 68, 69, 70, 78, 79, 80, 88, 107, 110, 111, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 130, 144, 151, 173, 174, 187, 190, 193, 194, 195, 196, 201, 202, 203, 206, 208, 209, 219, 221

Enfermagem Geriátrica 2, 4

Envelhecimento Bem-Sucedido 44, 45, 47, 52, 53

Envenenamento 89, 94, 96

Epidemiologia 73, 78, 87, 130

F

Fatores de Risco 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 34, 35, 37, 39, 41, 42, 43, 56, 68, 134, 158, 192

H

Hanseníase 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 127

HIV 57, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 140, 142, 143, 180, 186

I

Idoso 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 17, 19, 20, 22, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 46, 47, 53, 56, 57, 58, 60, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 118

Incidência 28, 34, 36, 39, 43, 77, 81, 86, 89, 94, 109, 114, 120, 128, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 143, 188, 197, 198, 202

Infecções Sexualmente Transmissíveis 55, 69, 70, 124, 130, 137

Instituição de Longa Permanência 12, 22

Interpretação Estatística de Dados 145

Intervenção de Enfermagem 187

M

Modelos de Assistência à Saúde 99

Monitoramento Epidemiológico 81

Mortalidade 23, 36, 68, 72, 73, 74, 85, 95, 99, 108, 110, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 140, 141, 142, 143, 145, 151, 155, 157, 158, 159

N

Nascidos Vivos 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111

Neuropatia Autonômica 151, 152, 153

Neuropatia Diabética 152, 157, 189

Notificação 75, 82, 85, 88, 89, 90, 96, 97, 109, 123, 124, 128, 129, 140, 185

P

Paralisia Facial 197, 198, 200, 202, 203, 204, 205

Patologia 3, 82, 86, 190, 194, 197, 198, 199, 202, 203, 206, 207, 215, 216, 217, 218

Perfil Epidemiológico 70, 72, 73, 74, 75, 78, 84, 88, 90, 123, 131, 144, 146

População Residente 99

prevenção e controle 82, 195

Promoção da Saúde 53, 97, 124, 149, 165, 173, 194, 209

Q

Queda na Comunidade 35

R

Registro de Nascimento 99

Representações Sociais 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121

S

Sarampo 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 146

Saúde do Homem 56, 58, 69, 131, 206

saúde do Trabalhador 206, 216, 219

Saúde Mental 2, 4, 8, 87, 117, 121

Sífilis 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131

Sistemas de Informações em Saúde 145

T

Toxicologia 89, 97

Trabalho Sexual 177

Trauma 72, 73, 75, 76, 77, 78

Travestismo 177

U

Úlcera de Perna 206

V

Violência 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Vulnerabilidade e Saúde 56, 58

A Enfermagem Centrada na Investigação Científica 7

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

A Enfermagem Centrada na Investigação Científica 7

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2020